

O POVO DE AVEIRO

FOLHA DO POVO E PARA O POVO

PREÇO DAS ASSIGNATURAS

EM AVEIRO — ANNO 50 (NUMEROS) 13000 RS., SEMESTRE (25 NUMEROS) 500 RS.
 FORA D'AVEIRO — ANNO (50 NUMEROS) 13125 RS., SEMESTRE (25 NUMEROS) 570 RS.
 RAZIL, (MOEDA FORTE) E AFRICA ORIENTAL, 23000 RS.

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

AS ASSIGNATURAS DEVEM SER PAGAS ADIANTADAS

PREÇO DAS PUBLICAÇÕES

NA SECÇÃO DOS ANUNCIOS — CADA LINHA 15 RS.
 NO CORPO DO JORNAL — CADA LINHA 20 RS.
 NUMERO AVULSO 20 RS., OU 100 RS. NO BRAZIL.
 REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ALFANDEGA NUMERO, 7

AVEIRO

A DICTADURA

As dictaduras só se justificam em casos muito excepcionaes e ainda assim não são serias senão com governos serios. Fazer dictadura n'este nosso meio dissolvente, em que nem ha força para conter as tropas nos quartéis, é quasi tão ridiculo como fazê-la em gabinete que passa a vida com historias de lobos sarapintados e homens do especto. E' mais uma nota comica na degradação geral! Pois quem ha de tomar a serio a dictadura d'um governo, que n'uma hora de perigo mandou os soldados para casa com medo de que elles se revoltassem? Quem ha de tomar a serio o sr. Marianno de Carvalho, dictador? Até aqui ainda o famoso ministro da fazenda passara por um jornalista habil, habilidade de rabulista, de garoto, principalmente baseada na podridão do meio e na ineptia dos adversarios. Mas depois da conspiração do homem do espeto e da historia do lobo sarapintado, até essa reputação de jornalista se foi por agua abaixo. O sr. Marianno de Carvalho é de facto talentoso no campo das sciencias abstractas. Em politica não passa das arruaças da Salamancada e da municipal, como no jornalismo não excede as descomposturas no sr. D. Luiz de Bragança, aliaz uma boa producção, nem as historias de lobos sarapintados e Olympios, o que se não pode dizer que esteja á altura do celebre estadista que os seus amigos imaginam. Para dictador, então, é de morrer! Um dictador que se envolve em arruaças para desacreditar os inimigos, sem saber ao menos esconder o rabo, e que vota logo pelo licenciamento da força armada quando as arruaças vão mais longe do que suppunha, está abaixo de toda a critica. Nem chega a ser um dictador de papelão!

Por este lado, portanto, está definida a dictadura. Nunca houve ministerio menos apto, nem com menos auctoridade para a

realisar. Pelo lado das conveniencias nacionaes, do interesse publico, é simplesmente revoltante. Se atravessassemos uma crise de ordem publica, va que o governo lançasse mão do ultimo recurso de todos os governos autoritarios e despoticos. Mas não; o periodo é de paz podrel! As instituições funcionam nos eixos da legalidade! As camaras estão no seu periodo constitucional! Portugal está em boas relações com todas as potencias! Para que então o governo a dictadura? Para o sr. Marianno de Carvalho pôr em pratica os seus decantados projectos de reforma economica? Nem para isso, que até n'isso se ha de ver o talento do messias dos granjolas. O maior talento d'um homem publico está em conhecer o meio em que vive. E ainda que fossem grandes e sinceros, que não são, os planos de reorganisação economica do sr. ministro da fazenda, seriam inteiramente inexequíveis no jogo rotineiro da economia portuguesa e na atmospheria viciada da monarchia brigantina. Nem para isso, repetimos. O governo quer a dictadura simplesmente para fazer politica de campanario e corrilho e para saciar ambições desenfreadas. Quer a dictadura para expulsar os regeneradores dos nichos que crearam, para se alastrar como aquelles se alastraram, para levar sob o titulo pomposo de reforma administrativa, o triumpho da politica dos seus apaniguados, em que figura a clericalha em maioria, a todos os recantos do paiz. Quer a dictadura para desdobrar o ministerio das obras publicas e elevar a ministro e secretario d'estado de sua magestade el-rei, o miseravel que ainda n'outro dia se dizia socialista e republicano, que ainda hontem, já convertido á monarchia, descompunha e insultava o sr. Marianno de Carvalho de quem vae ser companheiro nas regiões palacianas. E zangam-se, se lhe chamam corja!

Eis, pois, o espectáculo edificante a que vamos assistir n'este paiz. Já não ha partidos n'esta terra. Ha bandos de intriguistas, de especuladores e de garotos. Porem ainda haverá muita consciencia honesta, que se revolte

contra a baixezza em que cahimos, e que de escandalo em escandalo forme a corrente de reacção que ha de passar por cima dos miseraveis e das miserias que soffremos n'este instante. Por esse lado, e sendo esse o unico remedio possivel que antevemos, são boas todas as dictaduras e todos os mais escandalos que vierem.

TREMA O MUNDO

Mestre Jayme, o socialista, o constituinte, o regenerador, sahi-se, emfim, de sceptro na mão a defender os progressistas! Era tempo. Nós é que não temos hoje tempo para lhe applicar o cauterio que merece. Mas não perderá com a demora. Reparem só na belleza d'estes periodos do artigo que fez sahir no papel d'outro republicano, d'outro regenerador, d'outro constituinte, e d'outro progressista, quer dizer, d'um pulha, que não é senão isso quem muda de politica com a mesma facilidade com que os homens limpos mudam de camisa.

«Mas ha tambem quem insinue que as eleições são uma burla, que nada significam, que todos os governos obteem maioria. Livremo-nos de assentar um tal principio, porque n'este caso, se as eleições são realmente uma burla, este e todos os governos devem ao parlamento o respeito que se deve aos representantes d'uma burla. Parece incrível que um tal argumento seja invocado pelos homens que se dizem tão respeitadores das régalias do parlamento.»

E que vos parece? Então o figurão não quer fingir ingenuidade á ultima hora? Então esta Margarida do Fausto, de dois metros d'altura e pés de metro e meio de comprido, não quer fazer acreditar á gente que nem todos os governos obteem maioria n'esta terra? Como vae ser proposto deputado nas proximas eleições, já não quer ser tratado de burlão! Pois escusa de se matar. Burlão ha de ser até ao fim!

A TROPA FANDANGA

O parto monstruoso do sr. Hintze Ribeiro, que os progressistas tanto combateram para logo perfilharem, está produzindo os resultados que se esperavam. A tropa fandanga continua a ser um montão de vadios, sem disciplina, sem ordem, sem zelo pelo serviço, sem qualidade alguma que a recomende. Os officiaes de galão branco são, como se previa, peores do que eram antes de lhes darem honrarias militares. Agora, além dos despeitos que todo o mundo lhes conhecia, são uns tyrannetes que, sem comprehensão nenhuma dos deveres que a dignidade lhes impõe e a lei ordena, fazem dos guardas uns servos de gleba, promptos a aceitar-lhe os caprichos e a satisfazer-lhe as velleidades. E como nós já não estamos em tempos de despotismos nem d'escravaturas, os guardas insubordinam-se e d'ahi prejuizos graves para a disciplina.

Aqui, em Aveiro, por exemplo, como já dissemos, tem andado um guarda de posto a fazer serviço á paisana. Como era figurão e queria dar na vista, não poupava as infracções dos seus subordinados fosse como fosse e onde fosse. Encontrava um guarda á paisana? Parte d'elle! Encontrava outro de cinturão por dentro do capote? Descompostura brava! E se os guardas observavam que tambem elle andava á paisana, que tambem elle devia andar armado e não andava, aqui d'el-rei que eram indisciplinados! Se de noute, em lugar de o reconhecerem como ronda pegavam n'um pau para lhe fazerem um reconhecimento nas costellas, aqui d'el-rei que eram marotos!

Indisciplinados eram, marotos seriam. Mas quem os indisciplinou, quem os fez assim, sr. commandante do batalhão? Foi o sr. chefe de districto que consentia todas essas infracções graves de disciplina do seu chefe de posto e outros chefes, que de tudo sabia, que em vez de castigar os seus subordinados de maior responsabilidade, porque o castigo é por cima que começa, ia, por pe-

didado de mulheres, perseguir e apontar a v. ex.ª, sr. commandante do batalhão, como cabeças de motim, os guardas com quem as damas embriavam. N'estas condições está o guarda Francisco José de Carvalho, a quem v. ex.ª fez transferir de corpo pela parte diabolica que deu d'elle para Lisboa. Seria indisciplinado esse guarda? Seria. Não queremos averiguar, nem o queremos agora defender. Seria, e quem merece castigo castiga-se. Mas o facto é que por um documento importante que possuímos, e que poderemos fornecer ao sr. commandante de batalhão se o quizer examinar, averigua-se que o móvel da perseguição a esse guarda, foi uma questão miseravel e pequena. *Cherchez la femme!*

Sr. commandante do batalhão, a disciplina é cega, como a justiça. Vae a quem toca! Se v. ex.ª quer disciplinar o corpo que comanda, não seja mais instrumento de ninguém. Castigue quem o mereça. E se castigou os pequenos, castigue tambem os grandes.

Não largaremos o assumpto.

EM DUAS PALAVRAS

A imprensa progressista atirou duas lufadas de indignação fingida, contra o digno presidente da junta revisora d'este districto. A falta de argumentos de solidez o *Campeão* foi farejar um reforço d'emprestimo a um confrade de Vianna, que rabisca na *Provincia*. O fundo da accusação era francamente engraçado, se na propria accusação não fosse inclusa, manifesta e indestructivel a defeza. De que é accusado o digno militar? De ser o *homem da lei*; logo porque cumpre com ella com proficincia. Chamam-lhe inepto, ignorante, caturra, e não sei que mais parecido. Não lhe apontam uma falta, que empanne a sua reputação, uma mancha na sua carreira de official que o deprima, um acto qualquer destituído de razão e de justiça. Mas o sr. coronel tem um grande defeito para certa gente. Porque é d'uma pontualidade unica, sem

se restabelecido! E' o socego precursor da tempestade.

Todos os jornaes que descreveram os acontecimentos de Liège e Charleroi foram unanimes em que a população operaria chegou ao ultimo desespero. Quando um official dizia aos grevistas que se dispersassem para evitar desgraças, obtinha em resposta invariavel: «Antes vale morrer d'uma bala que morrer de fome trabalhando.»

Mas ha uma outra cousa que é preciso não perder de vista. E' certo que a miseria foi o móvel principal dos ultimos acontecimentos e que estas revoltas foram revoltas de desespero; mas nem por isso ao lado dos gritos de sofrimento deixava de se ouvir reclamar direitos. As ideias socialistas tem avançado muito, sobretudo ha um anno para cá. Milhares de jornaes e de brochuras, meetings e conferencias tem propagado os principios socialistas. Ha, pois, um lado politico e social n'este movimento. E os leitores não ignoram sem duvida que o partido socialista belga, ha oito mezes, decidiu preparar em Bru-

FOLHETIM

OS ACONTECIMENTOS DA BELGICA

II AS CAUSAS (Conclusão)

Acabámos de resumir em algumas linhas os acontecimentos que se deram na Belgica, no mez de março ultimo. Indicaremos agora os motivos, segundo o nosso modo de ver, d'essa explosão inesperada e repentina.

Digamo-l'o já: a causa primeira d'esses acontecimentos foi a miseria negra de que os desgraçados operarios são victimas.

E' ainda entre a classe curiosa dos trabalhadores das minas de carvão que

vamos achar esses revoltados, esses desesperados que se não importavam com o perigo nem com a sorte que os esperava e que, como no *Germania*, apresentavam o peito nu e negro ás bayonetas dos soldados gritando-lhe: — Atriae, mas atriae a valer!

Os operarios das minas de carvão constituem na Belgica um exercito de 106.000 homens. E' nos impossivel fazer aqui a historia das miserias d'esses valentes trabalhadores. Basta-nos dizer que o mineiro belga é mais miseravel, mais explorado, mais esmagado de que os mineiros dos outros paizes. Os salarios dos mineiros (1) belgas são inferiores pelo menos 30% aos dos mineiros francezes. A tonelada de carvão que, de 1860 a 1871, custava em salario 6 fr. 75 c., não custa hoje senão 5 francos e 57 centimos, por conseguinte menos do que ha vinte e cinco annos! A producção por operario que, em 1874, era de 133 tone-

(1) Quando se diz *mineiro* entendese só o das minas de carvão.

ladas, é actualmente de 175 toneladas. Uma proporção maior para um salario menor, eis a situação dos mineiros belgas!

Sob o ponto de vista dos accidentes a mesma inferioridade. Com effeito:

Na França ha um mineiro morto em 476.
 Na Inglaterra 1 em 458.
 Na Belgica 1 em 419.

Existe um instituto de previdencia fiscalizado pelo estado, em que o operario lança 3 a 4 por % do seu salario. Mas ainda aqui a situação peiora. A media das pensões vitalicias concedidas nos ultimos annos soffre as fluctuações seguintes:

Em 1878	184 francos
1879	171
1880	167
1881	161
1882	159

subterfugios nem complacencias obsequiosas em face do dever, porque não alimenta as vaidades dos inferiores ou dos amanuenses rabulas e despeitados, por que não tem amabilidades triviaes que seduzem os enfatuados, porque enfim não é corrupto, e não cede a empenhos ou suggestões pessoas que compromettem. E' um homem que vive comsigo, retrahido, integro, que não importuna ninguem. Onde está pois a ignorancia e a incompetencia d'este honrado militar? E' ignorante; e os governos tem-no distinguido successivamente com encargos de confiança, nomeando-o para commissões importantes, como a que actualmente desempenha! Como pode ser inepto um militar, que tem passado parte da sua carreira addido a differentes corpos de estado maior? E' ignorante e inepto; e el-rei D. Fernando nomeou-o e tambem em tempo, em epochas revolucionarias, official do seu estado maior!

Como se pode combinar esta estranha ausencia de aptidões e de saber, quando factos d'esta ordem sobresaem com toda a lucidez irrefragavel?! Que diabo de tactica intrigante domina alguns politicos, sómente para lisongear o orgulho assolapado d'um amigo e a philancia insipida de um corellionario. Não comprehendendo accusações inuteis, que apenas se traduzem em palavras aggressivas. Venham os documentos, venham as provas, venha todo o arsenal da Granja, com os seus bigorrilhas insolentes e as suas insidias mordazes. Onde não ha culpados não pode haver corpo de delicto provavel. Mas onde estiver um militar honrado e independente pode facilmente acotitar-se, na sombra, um amanuense presumpçoso de qualquer repartição a ladrar á lua, e com os dentes afilados para aboccar a farda d'um coronel. E sobre este assumpto nem mais uma palavra.

Lucio Turbino.

O GRANDE MANIFESTO

Publicamos em seguida o grande manifesto do conde de Paris, que, como documento politico e mesmo litterario, é a cousa mais chata que se poderia imaginar. Obra d'um rei, está dicto tudo! As responsabilidades da traducção, todavia, ficam sempre á conta do papel do sr. ministro das obras publicas, d'onde o transcrevemos. E bem se póde dizer que tal é o traductor, como o autor!

«Obrigado a deixar o solo do meu paiz, protesto, em nome do direito, contra a violencia que me é feita.

Apassionadamente ligado á patria, cujas desgraças m'a tornaram ainda mais cara, tenho vivido até ao presente sem infringir as leis. Para me arrancarem a ella, escolheram o momento em que a ella volto, feliz por ter formado um novo laço entre a França e uma nação amiga.

Expulsando-me, vingam-se em mim de tres milhões e meio de votos, que, no dia 4 de outubro, condemnaram os erros da Republica, e procuram intimidar todos aquellos que, dia a dia, se desligam d'ella.

Perseguem em mim o principio monarchico, cuja herança me foi transmittida por aquelle que tão nobremente a conservou.

Querem separar da França o chefe da gloriosa familia, que a dirigiu durante nove seculos na obra da sua unidade nacional, e que, associada ao povo tanto na felicidade como no infortunio, fundou a sua grandeza e a sua prosperidade.

Pensam que ella esqueceu o reinado feliz e pacifico de meu avô Luiz Philippe, e os dias mais recentes em que meu irmão e meus tios, depois de terem combatido sob a sua bandeira, serviram lealmente nas fileiras do seu valoroso exercito.

São errados esses calculos. Instruida pela experiencia, a França não se enganará nem na causa, nem nos auctores dos males que está soffrendo. Reconhecerá que só a monarchia, tradicional pelo seu principio, moderna pelas suas instituições, poderá trazer-lhe o remedio.

Só essa monarchia nacional, cujo representante eu sou, póde reduzir á impotencia os homens da desordem, que ameaçam a tranquillidade do paiz, assegurar a liberdade politica e religiosa, restabelecer a auctoridade, e refazer a fortuna publica.

Só ella póde dar á nossa sociedade democratica um governo forte, aberto a todos, superior aos partidos, e cuja estabilidade será para a Europa a garantia d'uma paz duradoira.

O meu dever é trabalhar sem treguas n'esta obra de salvação. Com o auxilio de Deus e o concurso de todos os que compartilham a minha fé no futuro, a concluirei.

A Republica tem medo: ferindo-me, designa-me.

Tenho confiança na França. A' hora decisiva estarei prompto. Eu, 24 de junho de 1886.

Philippe

Conde de Paris.

Não precisa de commentarios, a grande peça do parceiro do sr. D. Luiz de Bragança, homonymos e synonymos os dois na academia real das sciencias de Lisboa. Que socios! Com o Marques Gomes formam uma trempe d'estalo. E que academia!!!

Não precisa de commentarios. Basta attentar n'esse triste documento para se ver a insignificancia e a fraqueza do futuro soberano da França, que não soube desenvolver e evidenciar os inconvenientes da republica, que não teve um unico argumento de valor para combater as instituições que dirigem a França e que nem foi capaz de afirmar e expôr o famoso e decantado programma monarchico, que os realistas promettiam como obra decisiva do propheta. Entretanto, deixem-nos sempre levantar duas ou tres banalidades do homem.

Começa logo que o parceiro do sr. D. Luiz de Bragança não tem nada que protestar em nome do direito. Os reis e os principes, não cessaremos de o repetir, estão fóra do direito comum. Estão fóra do direito comum no principio que lhes dá maioridade na idade em que dá menoridade a todos os outros cidadãos, que lhes dá cargos com exercicio effectivo em condições estranhas a todos os outros individuos, e que os proclama irrepresentaveis, consagrando-os ao mesmo tempo chefes do poder executivo e dando-lhes liberdade plena para nomear e demittir livremente ministerios. Poder-nos-hão responder que tudo isso cahe com a queda da realza; mas não tem valor o argumento. Cahiria sim, se os principes se resignassem com o novo estado de cousas e acceptassem a lei equalitaria decretada para todo o paiz, se trocassem a qualidade de principes pela qualidade de cidadãos. Mas desde que persistem em reivindicar os privilegios e usurpações de que gosavam, persistem para elles as leis d'excepção. Consideral-os d'uma maneira no poder, e d'outra maneira cá fóra, afirmando elles sempre o mesmo fim e a mesma origem, é que seria refinada insensatez para não dizer rematada loucura. Um principe que procede como o conde de Paris procedia na França é um insulto á egualdade e á liberdade proclamada na lei natural. E a lei, quando parte, não diremos das determinações do maior numero, mas da justiça e da razão que todos acatam ao menos na apparencia, porque a ninguem é dado na apparencia negar a razão e negar a justiça, tem mais do que nunca o direito de desafrontar-se como se desafronta qualquer individuo. Um principe não é um cidadão discutindo em nome de qualquer doutrina ou ideia a melhoria de condições da sociedade a que pertence. E' uma individualidade a impôr-se em nome da individualidade. E' um arbitro dos destinos dos povos, é um delegado de Deus, é um senhor. E no moderno direito democratico não ha individuo, nem Deus, nem senhor. Ha só a collectividade. A collectividade só, a governar-se só!

Portanto a França andou muito bem em expulsar um individuo que ainda na expressão final da sua soberbia, n'esse manifesto ridiculo, falla primeiro de si, da sua herança, da sua gloriosa familia, do caruncho da sua familia, do reinado feliz e pacifico do seu avô, dos seus tios, dos seus irmãos, do que falla da patria. Da patria? Elle nem falla na patria, a não ser por mero incidente. Ora se a hospitalidade é um dever natural imposto a todos os individuos, nem por isso deixa de ser applaudido e louvado aquelle que corre a pontapé o hospede malcreado que lhe quer governar a familia.

Liberdade, falla-se de liberdade! A liberdade é um pião de dois bicos para esses senhores de corôa e batina. Quando estão no poder, jogam o pião para opprimir e depreciar os outros. Quan-

do estão na opposição jogam o pião para que os poupem. Nunca vereis um jesuita deixar de gritar — liberdade — quando lhe arrancam as armas traçoeriras com que fere o espirito humano. Assim os principes gritam por ella, quando em nome d'ella os querem reduzir á obediencia legal. Confundem a liberdade propria com a liberdade de todos!

Posto isto, onde está o unico lado sympathico e forte d'esse famoso manifesto? Onde o conde de Paris exclama que o expulsam quando volta feliz de formar um novo laço entre a França e uma nação amiga? Não, renegado! O coração portuguez não é o coração dos braganças. O coração portuguez bate pela França, não bate por nenhum Orléans. Não uniste dois povos; uniste duas familias no mesmo odio á humanidade e á democracia.

Onde o conde de Paris falla na herança que lhe foi transmitida por aquelle que tão nobremente a conservou? Nem vergonha, sequer! Esse nunca mendigou favores das republicas para depois lhe dar o pontapé de villão. Esse tinha tanto tedio pelos que lhe beijavam o pé depois de lhe terem prostituido a mãe, que nem á hora da morte quiz ver o futuro soberano da França. Onde falla nas glorias da sua familia? Onde falla no reinado feliz e pacifico de seu ovô? Decididamente o conde de Paris foi da ultima infelicidade no seu manifesto. Nem um unico ataque vigoroso á Republica! Apenas emprega a banalidade tola do costume, chamando aos republicanos os *homens da desordem!* E o que havia elle de dizer, o que dizem esses pulhas todos para ahi da Republica franceza, que tendo tido certos erros aliaz, soube elevar a França a uma altura a que nos ultimos seculos ainda a não soube elevar nenhum outro governo? O que podem elles dizer d'um regimen que depois da guerra mais desastrosa d'este seculo, restabeleceu as finanças, desenvolveu o commercio e a industria, enriqueceu a agricultura, alargou as obras publicas, nivelou os impostos, engrandeceu o exercito e fez da marinha a maior marinha do mundo? Respondei, miseraveis, torpes especuladores, devassos de todas as cathogorias e ordens. E enquanto procuraes a resposta ide ladrando e chorando ao mesmo tempo sobre a sorte do parceiro do sr. D. Luiz de Bragança, que nunca mais porá pé em terras gloriosas de França!

Carta de Lisboa

2 de julho.

Como é natural, a expulsão dos principes tem sido objecto por aqui de vivas discussões nos centros do cavaco e da politica. Os monarchistas andam furiosos e não cessam de prophetisar em tom solemne a proxima queda da Republica franceza. Que foi uma loucura, que foi um erro, que foi um passo errado, aquillo! D'onde se conclue immediatamente que foi um acto de lucidez, que foi uma medida politica d'alta impor-

tancia, que foi o melhor passo que a Republica tem dado no caminho politico. Pois quê? Então os srs. monarchistas vêem que a Republica abre a cova em que se ha de enterrar e em lugar de baterem as palmas de contentes, vociferam como damnados? Porque se elles dissessem tudo isto alegres, satisfeitos, de bem com o espirito e com a propria consciencia, vá, comprehendia-se; mas dizendo-o, como dizem, apopleiticos, exaltados e raivosos, levam logo á conclusão que enunciamos atraz. Não faltava senão que os srs. realistas se interessassem pela Republica franceza a ponto de se incommodarem com os erros que pratica!

Ninguem é mais liberal, mais rasgadamente liberal do que eu. Mas porque sejamos liberaes não se segue que sejamos tolos. Essa dos srs. monarchistas nos querem fazer tolos á força tambem não é má! Sim, senhores, muito liberaes, mas não de tal fórma idiotas que deixemos em nome da liberdade suffocar a mesma liberdade. Por isso somos contra os jesuitas, por isso somos contra todos os que luctam com armas deseguaes em todos os campos. E consentir n'um paiz livre jesuitas e principes, não é afirmar a democracia, é afirmar a desigualdade e o privilegio. Logo, rua com elles todos.

A Republica franceza não tem sido senão frouxa e pusillanime. E' esse o seu crime. Ora supponhâmos que a monarchia portugueza bate amanhã com as costellas no chão, porque de pernas para o ar está ella ha muito tempo. O governo democratico que surgisse havia de consentir que o sr. D. Augusto continuasse a ser general de divisão e inspector de cavallaria e o sr. infante D. Affonso tenente de qualquer cousa? Em nome de que direito? Quem comprehenderia tamanho absurdo? Pois é esse o absurdo que ainda hoje reina em França, é esse o direito que a Republica attende e acata. A Republica, pasmem todos que o possam ignorar, ainda não ousou riscar dos quadros do exercito os principes de Orléans, que não foram feitos officiaes por nenhum principio legal, mas por munificencia regia como o foram entre nós o sr. D. Carlos, o sr. D. Augusto e o sr. D. Affonso. Os principes d'Orléans continuam sendo officiaes do exercito francez. A Republica apenas ousou, muito timida e covardemente, tirar-lhes os commandos effectivos e pô-los na disponibilidade. Mas não ousou tirar-lhes as suas patentes nem as suas qualidades militares.

E vociferam então estes monarchistas de bôrra contra o *despotismo* e a *prepotencia* da Republica franceza! O que eu lamento é que os grandes jornaes diarios republicanos lhe não saibam esborrachar o nariz com uma argumentação cerrada, verdadeira e forte.

—Vae grande balburdia na escola medica. Os professores reprovam os rapazes, e d'ahi os rapazes fazem greve e não vão aos

xellas uma grande manifestação a favor do suffragio universal, manifestação que era a preocupação geral dos nossos operarios. Já tudo se preparava para essa tentativa suprema dos desherdados do direito de suffragio para arrancar essa reforma ao governo, quando sobrevieram os acontecimentos de Liège.

III

OS REMEDIOS

A situação é critica. Os tumultos que terminaram com o sangue operario recommearão com maior força e continuarão emquanto subsistirem as causas que arremessam á lucta os desgraçados operarios.

O governo burguez não duvida da gravidade da situação. Mas conta poder ainda restabelecer a ordem matando algumas centenas d'operarios. Julga isso sufficiente; nem pensa mesmo em fazer reformas: impotencia e mau querer.

As camaras apenas se dignaram dedicar dez minutos aos acontecimentos

em que acabámos de fallar. O chefe do gabinete declarou que com effeito os salarios eram baixos, mas que a industria do carvão não permittia mais. Voltaram-se agradecimentos ao exercito e termo consagrado — fechou-se o incidente.

Quinze dias depois o governo nomeou uma commissão de inquerito. Porém como ninguem acredita na sinceridade dos governos burguezes, todos são de accordo em declarar que a commissão foi feita para ganhar tempo. E de facto, a situação miseravel das classes operarias já é conhecida. Já os inqueritos de 1843 e 1869 mostraram a grandeza do mal, sem que se fizesse nada, absolutamente nada, para o remediar.

Como remedio á crise particular da industria, promove-se n'esta momento uma campanha, tendente a forçar o estado a resgatar as minas de carvão e a explora-las com a ajuda dos syndicatos operarios. O nosso amigo e collega na Revista socialista Guilherme de Greef tem escripto sobre essa questão uma serie d'artigos muito notaveis na *Réfor-*

me, de Bruxellas. Tem demonstrado a imperiosa necessidade d'esse resgate das minas pelo Estado para bem de todos e sobre tudo para bem dos mineiros. Tem mostrado a impotencia e a incapacidade das sociedades exploradoras. Mas a imprensa, no geral, não se tem dignado discutir seriamente a questão.

Ao ver a attitude dos governos burguezes, pode-se dizer que estão decididos a não fazer nada. Resgatar as minas! E' o cumulo da aberração, dizem elles! Resgatar caminhos de ferro improduttivos e que dão perda! Tal parece ser, e tal é, na realidade, a sua maneira de ver as cousas e de governar o povo belga.

Entretanto era occasião de tomar medidas para proteger os desgraçados operarios. Vae fazendo caminho a ideia d'uma legislação internacional do trabalho. Porque se não haviam de entender a França e a Inglaterra para forçar, d'alguma forte, a mão aos outros governos?

O que é certo é que por este caminho nada se fará na Belgica. Com o sys-

tema eleitoral censuario que escravisa a legislatura á burguezia capitalista e bancocrata, tudo se póde esperar excepto o direito e a justiça.

Se possuíssemos o suffragio universal sem duvida que as cousas mudariam, porque a população operaria belga, que é sobretudo industrial e que aspira ao bem estar, poderia escolher representantes capazes de fazer grandes reformas. Mas, apesar da grande propaganda que se tem feito a favor da reforma eleitoral, estamos longe de a obter. Por conseguinte são de receber novas perturbações e é possivel que então o movimento se generalise. Porque, cousa notavel, nos centros de exploração mineira, onde o operariado está organizado, nas cidades onde o partido socialista tem força como em Gand, Bruxellas, Anvers, Centre-Hainaut, Borinage, etc., não houve tumultos. Mas quem sabe o que acontecerá amanhã se rebentarem novas revoltas promovidas pela obstinação do governo?

Governar é prever, escreveu-se algures, o que não impede que os nosso

governos não saibam prever cousa nenhuma. Pois não lhe tem faltado advertencias!

Já ha mais de trinta annos dizia o escriptor catholico Dupétioux, que se occupou muito da questão operaria:

«E' impossivel desconhecer os signaes precursores d'uma revolução nova, não já politica mas social; revolução do trabalho contra o capital... que a Belgica observe e vigie: que interogue com activa sollicitude as dôres de seus filhos e que se apresse em melhorar a sua sorte!...

Os ultimos tumultos não foram sem duvida licção bastante para os governantes. Que esperem por outros e verão! Poderão então repetir com verdade o que dizia ultimamente um dos seus jornaes: «Não é ao clarão dos incendios que se estudam reformas!...

L. BERTRAND.

exames. Os professores dizem que os rapazes não sabem nada e os rapazes dizem que os professores também estão muito longe de ver um palmo adiante do nariz!

Quem tem razão? Não é fácil averiguar-o. Eu já fui estudante e conheço de sobejo o absolutismo e o auctoritarismo dos mestres. Mas isso não tira que a actual geração academica seja a mais antipathica que se tem conhecido. Desde que os estudantes portuguezes se deshonraram no paiz e na Europa com as scenas baixas em que se envolveram por causa do decantado perdão d'acto, perderam a auctoridade moral e alienaram as sympathias de toda a gente seria. Terão muita razão n'este conflicto que surgiu; mas as apparencias são pelas lentes da escola medica. E se tem razão, soffrem um castigo bem severo e bem merecido na indiferença que encontram na população de Lisboa!

As apparencias são pelas lentes, porque quem pediu perdão d'acto lavrou a si proprio desde logo diploma de incapacidade para fazer um exame. Quem está senhor de si e da materia não se deshonra a pedir a humilhação mais degradante, que um estudante pôde soffrer!

As apparencias são pelas lentes, porque é natural que quem andou quinze dias a bajular a realza não tivesse tempo para estudar. Emfim, ainda são por elles as apparencias no facto das reprovações avolumarem este anno em todas as escolas do paiz. Não são peculiares á escola medica.

Tenham, pois, paciencia. Sômos muito amigo dos estudantes, mas sômos mais amigo ainda da verdade. E assim como admiramos os poucos que sobreram nobremente repellir o perdão d'acto, assim censuramos a grande maioria que o sollicitou. Reprovados, sim senhores; não ha n'isso indignidade nenhuma. Perdão d'acto é que não!

—Continua aos coices a guarda municipal, o que supponho não será novidade nenhuma que dou aos leitores. N'outro dia dois irmãos, operarios, altercaram um com o outro em sua casa, pelas dez horas da noite. Um cabo da municipal que morava por cima, porque se incommodava com o barulho, veio abaixo na intenção de os prender. Os homens responderam-lhe perfeitamente que estavam em sua casa e que não abriam a porta a ninguém ás dez horas da noite. Dito e feito:—porta arrombada e homens presos para o quartel dos Paulistas. E depois?! E depois bordada nos homens, á porta fechada na casa da guarda. Os homens gritaram e no dia seguinte os jornaes estigmatizaram aquella grande pouca vergonha. Foi nomeada uma syndicancia. E sabem o que a syndicancia averiguou? Que ninguém batera nos homens e que se elles gritavam era para comprometter os soldados. E ao mesmo tempo o cabo da guarda declarava na sua parte que fóra preciso *empregar a força para reduzir os homens á obediencia!!!*

Vejam lá se a quem melhor e digam se não é um *sabio* o official que procedeu á syndicancia. Nem sabe ler por desgraça. Se soubesse, teria lido a parte da guarda e não teria feito asneiras.

Y.

NOTICIARIO

Em parte nenhuma se conhece tão bem, como n'um jornal, a malandragem que vai por esse mundo fóra. Malandragem de todas as formas e feitios, de todos os generos e especies, de todas as categorias e classes, entre a qual se torna saliente a malandragem dos caloteiros. Ninguém é obrigado a assignar um jornal,

a continuar com a assignatura. Quem o não quer devolve-o, sem o trabalho de fazer outra cinta nem a despeza d'outra estampilha sequer, porque serve a mesma cinta e a mesma estampilha. Não obstante certos figurões recebem os jornaes, e isto dá-se com todos os jornaes, e no fim declaram que não pagam. São uns verdadeiros garotos. Mas quem tem a culpa é a imprensa, que se cala por nojo ou por condescendencia tola, em lugar de apontar a garotada ao desprezo da gente séria. Não seguiremos esse exemplo. Os que encontramos no nosso caminho, que nunca foram muitos felizmente, ficarão com os nomes estampados n'este mesmo lugar, como tem succedido a varios em varias occasiões. Ficam prevenidos.

Principiámos esta semana a cobrança d'assignaturas do primeiro semestre do anno corrente, fazendo-a por intermedio do correio na **Figueira da Foz—Gouveia—Leiria—Estarreja—Elvas—Coimbra—Paiva—Cadaval—Bragança—Belem—Alcobaça—Agueda—Albergaria—Lagos—Beja—Covilhã.**

Os srs. assignantes nas localidades acima ficam d'esta forma prevenidos, e esperámos que solverão os seus debitos ao serem para isso avisados pelas estações competentes.

Já chegou a pedra para o mau-soleo de Jeronymo Salgado. Vendido este maior obstaculo, em breve será elevado esse monumento de duplo caracter: consagrando a ultima vontade de um moribundo, arremessará á gargalhada e ao desprezo das gerações vindouras a imbecilidade d'umas auctoridades burlescas. Soceguem os impacientes, que está removido o maior attricto.

Foi agradabilissima a noite de terça feira, passada no jardim publico. A inauguração do coreto, que é realmente muito elegante, desenvolveu-se n'um passatempo, que attraheu numerosa concorrencia ao Passeio. Este recinto achava-se todo illuminado, sobressahindo a aléa central que deixava pender da copada alameda a luz coruscante da illumination veneziana.

A policia (?) devia mandar metter a viola no sacco a uns trovadores dengosos que por lá appareceram guinchando endechas de bafio ao som de bandurra. Foi a nota discordante na harmonia de uma noite amena, além da falta de agua potavel, necessidade que apezar das nossas queixas, tem sido descurada.

Lavra por ahi a syphilis em quantidade notavel. A auctoridade talvez o ignore, e denunciámos-lh'o por isso, pedindo providencias para esse mau estado.

E' infelizmente certo que esse cancro aviltante e fatal da prostituição se revolve entre nós de uma forma irregular. Póde essa anomalia ser um reagentes contra o desenvolvimento da depravação moral; mas não é menos perigoso o abandono d'essas infelizes á contingencia do meio miseravel em que vivem.

Reiterámos a attenção da auctoridade para providenciar adequadamente.

Nas povoações campestinas d'este concelho, d'onde foi visto o clarão do pavoroso incendio da Torreira, produziu-se um terror indiscrípivel. O incendio coincidiu com as vespas do *acabamento do mundo*, que devia ser annunciado por signaes extraordinarios, segundo a crença popular.

Logares houve em que os habitantes ao avistarem o sinistro clarão sahiram de tropel para a rua, de rosto livido pelo panico, cahindo de joelhos e implorando

a clemencia divina em altas vozes:—um verdadeiro quadro de horror.

No concelho e freguezia de Ilhavo, que é aliás parochiada por um ecclesiastico illustrado e que se nos não enganamos é bacharel em theologia e direito, celebraram-se preces para affastar o desastre!...

Em muitas outras povoações se deram scenas de pavor originadas pela lenda de Nostradamus, e ás quaes o clero não foi extranho.

Os nossos campos estão soberbos de vegetação. Os milhares principalmente ostentam-se d'um aspecto exuberante de viço que encanta e faz prever uma colheita farta. Para isto tem concorrida a quadra suave que sobreveio ás ultimas copiosas chuvas.

Os campos baixos estão também muito promettedores.

O anno cerealifero não póde, pois, ter melhor perspectiva.

Na Palhaça, um homem que guiava um carro foi victima fatal da sua imprudencia. Sentárase e adormecera na dianteira do vehiculo, junto ás sebes. Os solavancos precipitaram o infeliz, e um dos animaes jogou-lhe tão violento pontapé que o prostrou, fallecendo pouco depois.

O fallecido era do Albergue, e tinha casado ha pouco mais d'um anno. Deixa mulher e um filho.

Pedem-nos a publicação do seguinte:

Sr. redactor.—E' impulsionado pela maior indignação, suscitada por um caso que caracteriza bem a camara municipal d'este concelho, que eu saio hoje da minha habitual pacatez e venho de latego em punho fustigar uma gentalha que o povo de Vagos teve o mau gosto de eleger para presidir aos destinos do seu municipio.

A lei do grande jornalista e homem d'estado Rodrigues Sampaio, que atirou com o pesado encargo da instrucção primaria para as corporações municipaes e juntas de parochia, está demonstrando á evidencia que, além de prejudicar o contribuinte, veio causar um grande damno aos pobres professores do ensino elementar, que na maior parte do paiz estão lutando com mil difficuldades para poderem viver honestamente. Em varios concelhos os infelizes perceptores da infancia, não obstante perceberem um minguado ordenado, que mal chega para lhes matar a fome e as suas familias, trazem os seus ordenados atrazados cinco, seis e mais mezes. O povo das freguezias ruraes, bruto quasi em sua totalidade, vocifera ainda assim contra elles, vota-lhes um odio profundo, e dirige-lhes ás vezes os mais feios epithetos.

Um avultado numero de camaras municipaes, analfabetas e despoticas, arrogam a si poderes que não tem, e praticam com a maior ousadia o que muito bem lhes apraz, sem respeito por cousa alguma. Quasi no geral, vagando quaesquer cadeiras primarias, as camaras a cujos concelhos ellas pertencem ou as conservam fechadas o tempo que querem, ou as põem a concurso e as entregam a quem a ellas concorre, não com um bom sortido de conhecimentos e habilitações litterarias, mas sim e só com um sequito pomposo de influentes eleitoraes, que em certas occasiões levam á urna subjungendo o povo inconsciente e ignaro.

E' por estas e por muitas outras provações, que seria fastidioso enumerar, que o professorado primario portuguez está actualmente passando. Infeliz classe e desgraçado paiz!

Mas vamos ao ponto culminante da questão que prende com as breves considerações que vimos de fazer. Fallámos n'um caso despotico, que a camara municipal d'este concelho praticou ha dias, e por tanto vamos agora occupar-nos d'elle.

Esta *sabia* corporação administrativa, que é sem contestação um modelo primoroso das demais corporações da mesma especie que militam sob o estandarte da Granja, julgou achar ha pouco occasião opportuna para servir um seu *reverendo* afilhado. Tendo vagado na séde d'este concelho uma escola de ensino primario, e sabendo os *illustres* senadores de *chielas* e varapau que o seu amigalote pretendia introduzir-se no tal nicho a troco d'alguns votos que elle talvez possa arranjar aqui, n'um povoado visinho, chamaram o homem á falta e prometteram-lhe o logar.

Não tardou, porém, que aos ouvidos d'estes senhores Migueis chegasse uma noticia, para elles terrifica, que os contrariou e consequentemente os fez agitar colericos e irasciveis. E' que Pomplio Rodrigues Franco, um professor distincto, com alguns annos já de bom serviço no magisterio e com o diploma da escola normal de Lisboa, pretendendo também ser provido na alludida cadeira,

Em vista d'isto, a camara resolveu não pôr a escola a concurso; mas sendo ultimamente a isso obrigada pelo governador civil substituto do districto, felo com bastante pesar seu e protestou vingando-se.

Rodrigues Franco foi effectivamente ao concurso.

Ha dias, estando a expirar o prazo marcado por lei, dirigiu-se um personagem senatorial, com gesto irado e não *fecundo*, a João Rodrigues Franco, pae do dito professor e honrado thesoureiro da camara d'este concelho, e disse-lhe, ameaçando-o, que ou elle havia de fazer com que o filho retirasse o seu requerimento, em que sollicita a cadeira, ou então seria immediatamente demittido do cargo de thesoureiro. Não sabemos o que o sr. Franco respondeu áquelle heroe, mas o que é certo é que a camara, em sua sessão de 19 do corrente, houve por bem demittir-o sem motivo justo do mencionado cargo, que elle com escrupulo e com a maxima probidade havia exercido ha mais de 22 annos!

A que tempo nós chegámos! Isto parece incrível!

Maldita politica, que arrastas os homens á maior degradação social!

Breve voltaremos a occupar-nos d'este assumpto.

Vagos, 23 de junho de 1886.

W.

E dizem que o cholera é mau! E' magnifico. Lambe principalmente tudo que encontra em más condições hygienicas e por consequencia tudo que está putrido, e é isso que se quer para nos vermos livres de tanta corrupção.

Desenganem-se os nossos amigos que nos pedem esta publicação, que só tem um recurso, é para o outro mundo, porque n'este é rarissimo deferir-se o que é justo: é ao *milagroso S. Sebastião*, pedindo-lhe não a derrota do microbio, mas uma encomendinha d'elle, que é muito applicavel a estes casos.

Convençam-se que só assim.

Em Odeira realisou-se outro casamento civil. E' o terceiro que d'aquella forma se effectua no concelho.

Foram nubentes os srs. Francisco dos Reis Martins e Rachel Maria.

—No concelho de Ponta Delgada foi também registado civilmente o matrimonio do sr. Antonio Rodrigues Moderno, dailha da Madeira, com a sr.^a Maria Leonor de Souza, da ilha Terceira, ambos residentes na freguezia de S. José, d'aquella cidade.

Corre que o governo pensa em avocar a si a nomeação dos professores primarios e o seu pagamento, tirando ás camaras esses dois encargos.

Era um bom serviço. Os infelizes do professorado tinham ao menos mais probabilidades de não morrer de fome.

Se algumas camaras os caloteiam por desleixo, outras ha que o fazem obrigadas pela defficiencia das suas receitas.

Segundo refere o *Diario de Badajoz*, o recém-nascido rei de Hespanha, D. Affonso Leão Fernando Paschoal Baylão, recebe diariamente 19:178 pesetas ou réis 3:452\$040, o que equivale a réis 143\$935 por hora.

Feliz mortal. Quantos dos seus vassallos morrem de fome!

Tendem a desaparecer as vastas e ricas mattas do concelho da Maia. Ha dois mezes a esta parte uma doença qualquer acomette os eucalyptus e principalmente os pinheiros, consumindo-lhes a seiva e matando-os em menos de 15 dias.

O sr. dr. Ferreira da Silva publicou ha dias, no *Agricultor Portuguez*, um artigo intitulado *O sal marinho e a decomposição da carne nas salgadeiras*, no qual diz que analysou tres amostras de sal tirado das salgadeiras, onde se produziu a decomposição de carne de porco e os resultados da analyse chimica mostraram-lhe que a consumpção da carne nas salgadeiras não se póde explicar pelo sal empregado na *salga das mesmas carnes*.

Aguçada a sua curiosidade com aquelle artigo, o sr. Teixeira Machado, professor do lyceu do Porto, que ha tempos se entrega ao estudo da microbiologia, tratou de analysar uma porção de carne de porco em decomposição.

Este estudo foi coroadado do melhor resultado: descobriu um bacilo analogo ao bacilo virgula (cholerigeno), salvas as dimensões, que são muito maiores e a curvatura muito mais exagerada: um semi-circulo. Falta-lhe, porém, obter resultados de cultura a verificar o modo da segmentação; por isso não tem publicado ainda qualquer trabalho sobre o assumpto.

Ha dias, n'uma das ruas de Lisboa faziam-se ouvir gritos de afflicção, sahidos d'um subterraneo que servia de morada a um casal.

Desceu lá a policia para indagar do acontecimento, e eis o que soube: Manuel Baptista Gomes estava sendo espancado pela mulher com quem vive, e como lhe ardia a pelle... gritava que lhe acudissem.

Na sua participação, diz o mesmo cabo que a mulher não póde ser conduzida para a esquadra, porque se achava em completo estado de nudez sem haver em casa artigo algum de vestuario, para ella se cobrir.

Um quadro de miseria comvente, a dois passos d'Ajuda onde a superfluidade nos banquetes é uma affronta cruel ás privações do povo.

A *Vinha Portuguesa* diz que uma casa bancaria de Inglaterra propoz á sociedade dos vicultores italianos fundar uma companhia anglo-italiana, com o fim de exportar vinhos de consumo ordinario.

Para isso a casa ingleza offerceu dois terços dos capitães necessarios.

Em cada região serão creados os typos de vinhos mais convenientes para os mercados estrangeiros. No Piemonte, Toscana, Sicilia e Pouilles, serão installados vastos estabelecimentos de vinificação aperfeçoada, onde se devem fabricar os vinhos de consumo directo em harmonia com o gôsto dos mercados e a natureza dos productos de cada região.

O povo portuguez é o que mais dispense com a lista civil, devido á sua inepecia; soffra por tanto o pezo da real albarda, já que gosta.

Eis com quanto contribue cada habitante, de algumas nações, para a lista civil:

Austria	por cada habitante	95 rs.
Brazil	» » »	73 »
Italia	» » »	97 »
Inglaterra	» » »	95 »
Suecia	» » »	67 »
Hespanha	» » »	102 »
Russia	» » »	72 »
Hollanda	» » »	65 »
Noruega	» » »	67 »
FRANÇA	» » »	5 »
PORTUGAL	» » »	120 »

Portugal, o paiz. mais pobre e arruinado é o que sobresa por mais onerado.

Em Lorca, Hespanha, acaba de ser commettido um horrivel crime. Estando á porta da casa onde viviam um individuo de nome Ortuno, a mulher e um filho de pouca idade, appareceu-lhes subitamente um sobrinho que, com uma punhalada, matou instantaneamente a desgraçada mulher e feriu também mortalmente o tio, que falleceu horas depois. O assassino é padre. A pobre creança, que o assassino fizera orpha, ficou também gravemente ferida. A fera tem 35 annos.

Para a prenderem foi preciso feril-a, porque, de punhal levantado, ameaçava matar quem se approximasse.

O pequenote noivo real principia a crear-se commodidades. Como o Zé é que paga, já encomendou no estrangeiro um navio de recreio.

Os principios são esperançosos.

O ministerio da guerra mandou que os commandantes dos corpos informem sobre quaesquer inconvenientes que apresentem no serviço os varios artigos do novo plano de uniformes.

CONTRA A DEBILIDADE

Recommendamos o Vinho Nutritivo de Carne e a Farinha Peitoral Ferruginosa da Pharmacia Franco, por se acharem legalmente auctorisados.

COMMUNICADOS

Sr. redactor do *Povo de Aveiro*.—Remetti ao *Campeão das Provincias*, a carta que abaixo transcrevo, em resposta a certas considerações, que elle fez á minha carta publicada n'aquelle jornal de 9 do corrente; mas como se não dignou publical-a, vou por isso rogar a v. se digne fazel-o no proximo numero do seu jornal, pelo que me confessarei muito agradecido.—Albergaria 30 de junho de 1886.

José Luiz Ferreira.

Sr. redactor do *Campeão das Provincias*.—Pelas considerações que v. exc.ª fez á minha carta publicada no seu jornal de 9 do corrente mez, vejo que não o satisfizes a defeza com que accudi á arguição que na local publicada no mesmo jornal de 2 se fez ao procedimento da junta de parochia de minha presidencia, com relação a alguns dos foreiros da mesma; e por isso venho dizer duas palavras ainda a este respeito.

Concordo em que a corporação a que presido não tenha direito a exigir dos foreiros as despesas provenientes das petições e dos documentos com que o advogado entendeu dever instruil-as, se elles se recusassem a pagal-as voluntariamente; e tanto o comprehendeu assim a corporação, que ordenou ao thesoureiro que recebesse os foros dos foreiros que se prestassem a pagal-os embora se recusassem a fazer as despesas.

Não concordo, porém, com v. exc.ª, emquanto affirma que a corporação não podia receber a importancia das ditas despesas dos foreiros, que voluntariamente as quizessem pagar. Nada ha que se opponha a isso. O artigo 316 do Cod. Pen., por v. exc.ª invocado para provar o contrario, não comprehende, nem fulmina a especie sugeita.

E com effeito na disposição do art. citado só se incrimina o facto de qualquer empregado publico levar ás partes emolumentos quando não esteja para isso auctorisado, ou estando-o levar por algum acto de suas *funções* o que lhe não é ordenado, ou mais do que lhe é ordenado, e ainda assim para haver criminalidade é mister que o empregado publico proceda *maliciosamente* levando os emolumentos ou salarios.

Para se dar, pois, o crime previsto e punido no art. citado é preciso que se dêem os elementos seguintes: 1.º o recebimento de emolumentos ou salarios que a lei não auctorisa, ou de mais do que ella auctorisa; 2.º que esses emolumentos ou salarios sejam recebidos por empregado publico, e por *algum acto de suas funções*; e 3.º finalmente que da parte do agente do crime haja malicia no recebimento e exigencia dos emolumentos.

Ora é evidente que na especie de que nos estamos occupando não se verificam aquelles elementos constitutivos do crime previsto no art. 316, nem mesmo algum d'elles; e por isso o mesmo

artigo não se pode applicar á especie sugeita, nem mesmo por analogia, ou paridade, porque as leis penaes são de interpretação restricta, como v. exc.ª não pensava.

Posto isto, só me resta repetir aqui que foi sómente o interesse dos foreiros quem determinou a corporação de minha presidencia a proceder pelo modo que tão grandes incommodos causou a *alguem*. Como, porém, esse procedimento mereceu acensurias, sendo até capitulado de—extorção—a junta de minha presidencia abandonou-o e seguiu outro caminho, que não agrada aos foreiros remissos, e é provavel que tambem não agrada ao denunciante do facto. Tenham paciencia, vá a culpa a quem toca. Sr. redactor, contendo esta carta noticia de defeza minha e da corporação a que presido, espero dever-lhe o obsequio de a fazer publicar no proximo n.º do seu jornal, com o que lhe ficará muito agradecido o

De v. exc.ª
Mt.º att.º v.ºr

José Luiz Ferreira.

Sr. redactor.—Approve á *Providencia Divina* (estilo Zé Soares) mandar a este mundo para flagello da humanidade, Darios, gafanhotos, Valladas, etc.

Uma especie de praga do Egypto. Seguindo a orden da rotação, coube d'esta feita a vez ao Dario, escriptor vernaculo, homem bastante entendido em materia de solla e pinos, e, aqui para nós que ninguem nos ouve, um impenitente assassino da grammatica de Monteverde.

E se assim não fosse, quem é que n'este mundo seria capaz de chamar a uma correspondencia um communicado? Quem, a não ser um Dario seria capaz de responder a allusões indirectas?

«Professores que pela posição que occupam e pelo modo com que a todos tratam, são dignos do maior respeito.»

Hom'essa, seu Dario, e o Marquez de Vallada que tambem occupa alta posição, para onde fica? «pelo modo com que a todos tratam, são dignos do maior respeito.»

Ai ricos dois annos da minha alma em que aturei o professor de francez, meus pobres discipulos, companheiros do martyrio!

«E como eu sempre desejei mostrar-me grato para com as pessoas a quem devo mais ou menos finezas, etc.»

Pois mostre lá a sua gratidão, mas de largo por causa do mau cheiro.

«Continuou escrevendo disparates até que a sua penna, *que elle tão bem maneja* traçou...» a descripção da festa e um elogio a um quadrupede.

«Gostei muito...»

Isso sei eu!

«mas peço ao sr. Fontes que, quando quizer dirigir-me elogios medite no que escreve, etc.»

Quanto a isso esteja descansado, que ha de ser bem servido.

Oh sr. Zé Soares, tronco com esse Dario que lhe está arrastando os creditos do collegio.

«para que eu não soffra os desgostos, etc.»

Não lamentos, Dario, o teu estado

E o Valladas foi Dario d'um soldado.

Fontes.

AGRADECIMENTO;

Pedro Moreira e seu irmão Luiz Moreira veem por este meio por não o poderem fazer pessoalmente, agradecer a todas as pessoas que os visitaram na cadeia, durante os poucos dias que estiveram presos, protestando-lhes o mais vivo reconhecimento.

Aveiro 2 de julho de 1886.

Pedro Moreira.
Luiz Moreira.

AGRADECIMENTO

A Direcção da Associação Aveirense de Soccorros Mutuos das Classes Laboriosas manifestada, por este meio, o seu profundo reconhecimento para com todas as pessoas, que se dignaram coadjuval-a, por occasião da recita que, em beneficio da mesma Associação, foi dada na noite de 18 de maio ultimo pela «Companhia do Principe Real do Porto», e cujo producto, liquido de despesas, foi de réis 509780.

Aveiro e secretaria da Associação, em 28 de junho de 1886.

Servindo de presidente da Direcção,

O vogal

Rufino de Sousa Lopes.

BIBLIOGRAPHIA

Os Miseraveis.—Saiu á luz e recebemos o 35.º fasciculo.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á Livraria Civilisação, ao sr. Eduardo da Costa Santos, rua de Santo Ildefonso, 4 a 6—Porto.

Republicas.—Saiu o n.º 76 8.º da 3.ª serie).

Toda a correspondencia deve ser dirigida a A. Barros, rua Nova do Carmo, 90, 1.º—Lisboa.

O Pastelleiro de Madrigal.—Recebemos o fasciculo n.º 33. E' editora a Empreza Noites Romanticas.

Assigna-se em Lisboa, na rua d'Alatalaya, 18.

Os milhões do criminoso. Recebemos o fasciculo 29 d'este esplendido romance editado pela empreza Serões Romanticos.

Assigna-se na rua da Cruz de Pau, 26—Lisboa.

A Illustração Portugueza.—Recebemos o n.º 49 do segundo anno d'esta revista litteraria e artistica.

Assigna-se na Travessa da Queimada, n.º 35, 1.º andar—Lisboa.

Typ. do «Povo de Aveiro»

Rua da Alfandega, n.º 7

ANNUNCIOS

CASA DE CAMPO

VENDE-SE uma em Verdemilho, nova e com bastantes commodidades. Tem quintal com arvores de fructo.

N'esta redacção se diz quem a vende.

Contra a debilidade

FARINHA PEITORAL FERRUGINOSA DA PHARMACIA FRANCO, unica legalmente auctorisada e privilegiada. E' um tonico reconstituinte e um precioso elemento reparador, muito agradave e de facil digestão. Aproveita do modo mais extraordinario nos padecimentos do peito, falta de appetite, em convalescentes de quaesquer doencas, na alimentação das mulheres gravidas e amas de leite, pessoas edosas, creanças, anemicos, e em geral nos debilitados, qualquer que seja a causa da debilidade. Acha-se á venda em todas as pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na pharmacia Franco, em Belem. Pacote 200 réis, pelo correio 220 r. Os pacotes devem conter o retracto do auctor e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei 3c 4 de junho de 1883. DEPOSITO em Aveiro, pharmacia e drogaria medicinal de João Bernardo Ribeiro Junior.

GENEBRA—MOREIRA & C.ª

CHAMAMOS a attenção de todos os srs. consummadores para estas qualidades de genebra E' a mais barata, a mais estomacal e a melhor até hoje conhecida.

Tem acolhimento geral em todo o paiz, e foi premiada na ultima exposição de Lisboa.

Deposito: Todos os estabelecimentos de mercearia e muitos outros no Porto.

Exija-se a botija e etiqueta com a marca (registada) Mor.ª & C.ª, e a rolha com a firma (fac-simile) dos fabricantes.

VINHO NUTRITIVO DE CARNE

Privilegiado, auctorisado pelo governo, e approvado pela junta consultiva de saúde p.blica

E' o melhor tonico nutritivo que se conhece: é muito digestivo, fortificante e reconstituinte. Sob a sua influencia desenvolve-se rapidamente o appetite, enriquece-se o sangue, fortalecem-se os musculos, e voltam as forças.

Emprega-se com o mais feliz exito nos estomagos ainda os mais debéis, para combater as digestões tardias e laboriosas, a dispepsia, cardialgia, gastrodynia, gastralgia, anemia ou inacção dos orgãos, rachitismo, consumpção de carnes, affecções escrophulosas, e em geral na convalescencia de todas as doencas aonde é preciso levantar as forças.

Toma-se tres vezes ao dia, no acto de cada comida, ou em caldo quando o doente não se possa alimentar.

Para as creanças ou pessoas muito debéis, uma colher das de sopa de cada vez; e para os adultos, duas ou tres colheres tambem de cada vez.

Esta dose, com quaesquer bolachinhas, é um excellento «lunch» para as pessoas fracas ou convalescentes; prepara o estomago para accetiar bem a alimentação do jantar, e concluido elle, toma-se igual porção ao «toast», para facilitar completamente a digestão.

Para evitar a contrafacção, os envolveros das das garrafas devem conter o retracto do auctor e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de junho de 1884.

Acha-se á venda nas principaes farmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na farmacia Franco, em Belem.

Deposito em Aveiro na farmacia e drogaria medicinal de João Bernardo Ribeiro Junior.

BILHAR

VENDE-SE um, francez, de pau santo, em muito bom estado, com tacos, taqueira, trez bolas grandes, e cinco pequenas de jogar as russianas.

Quem pretender, n'esta redacção se diz.

Contra a tosse

XARÓPE PEITORAL DE JAMES, unico legalmente auctorisado pelo Conselho de Saude Publica, ensaiado e approved nos hospitaes. Acha-se á venda em todas as pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na pharmacia Franco, em Belem. Os frascos devem conter o retracto e firma do auctor, e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1884.

Deposito em Aveiro na pharmacia e drogaria medicinal de João Bernardo Ribeiro Junior.

VIENNA (AUSTRIA)

QUASI DE GRAÇA!!!

42 PEÇAS formando um formoso serviço de me mesa por 3850 réis!! Por motivo de liquidação, é posta á venda, com o abatimento de 75 p. c., grande quantidade de prata Alfinide (Argenterie Alfinide).

Por 3850 réis apenas

representando sómente metade da mão d'obra, do que antes se vendia por 60 francos, enviaremos o seguinte serviço de mesa, de prata Alfinide, muito fino e duradouro:

- 6 formosas facas de mesa
- 6 garfos
- 6 colheres de sopa
- 6 bonitas colheres de chá
- 1 grande colher de terrina
- 1 grande colher de legumes
- 3 formosas oveiras massiças
- 2 chicaras para sobremesa
- 1 pimenteiro e assucareiro
- 1 formoso coador para chá
- 3 magnificos assucareiros
- 6 formosos apoios para facas

42 peças

BRANQUA GARANTIDA POR 10 ANNOS

Para receber os 42 objectos, formando um serviço completo de mesa, FRANCO, NO DOMICILIO em 9 ou 10 dias, dirigir ao Deposito geral das fabricas unidas de prata Alfinide, a M. RUNDBAKIN, 11 Hedwiggasse, 4, Vienna (Austria); remettendo adiantadamente 3850 réis por meio de ordem particular ou postal.

Devolve-se o dinheiro, caso a mercadoria não convenha, tendo n'este caso o destinatario de satisfazer despesas de cerca de 350 rs.

JOAO AUGUSTO DE SOUSA

OFFICINA DE SERRALHERIA

EM AVEIRO

FORNECE ferragens, dobradiças, fechos, fechaduras de todos os sistemas, parafusos de toda a qualidade, ferragens estrangeiras, camas de ferro, fogões, chumbo em barra, prego d'arame, etc.

SEMPRE TRIUMPHANTE!

AS MACHINAS DE COSTURA

COMPANHIA FABRIL SINGER

Acabam de obter na Exposição Internacional de Salud, de Londres, a

MEDALHA D'OURO

O MAIOR PREMIO CONCEDIDO NESTA EXPOSIÇÃO E' mais uma victoria ganha pelas excellentes machinas de coser da COMPANHIA SINGER que se vendem a prestações de 500 réis semanaes, sem prestação de entrada, e a dinheiro menos 10 por cento na

COMPANHIA FABRIL "SINGER,"

AVEIRO—75,ª Rua de Jesé Estevam, 9—7 (Pegado á Caixa Economica)